

JORGE, UM BRASILEIRO

RUBEM BRAGA

Confesso que não gostei muito quando, ao começar a ler «Jorge, um brasileiro», vi que o romance era escrito na primeira pessoa, como a novela do mesmo autor «O viúvo»; e muitas frases começando por «e»; e com certas faceirices de linguagem coloquial, e certas repetições para fazer efeito. Logo vi, porém, que nada disso tem importância; a própria força da narrativa cedo começa a empolgar o leitor, e, o que é mais curioso, o próprio autor.

Em seu excelente prefácio, Antônio Olinto destacou a novidade que esse livro representa na ficção brasileira. O Brasil que ele nos conta é, geograficamente, o mesmo de Guimarães Rosa. Não há mais, porém, cavalos nem boiadas, e praticamente não há árvores a não ser eucaliptos, que são cortados para estivar um lameiro; não há pássaros e não existe paisagem, ou só existe em função da estrada por onde avançam penosamente os caminhões.

As relações entre os homens são baseadas sobretudo no trabalho, nas tarefas a cumprir, que são rudes e urgentes e não deixam muito tempo para pensar em outra coisa, nem mesmo em mulher. Esta se vinga, aliás, do segundo plano em que é jogada. O romance é basicamente másculo e realista; o que tem de épico, faz parte da realidade brasileira, e se une ao pícaro. Do ponto de vista social, é de uma honestidade perfeita; a história é contada por um homem de

confiança do patrão, um chefe de serviço, ou capataz; ele julga seus homens e julga o patrão sob um critério funcional. Conta realisticamente o que um jornal de esquerda chamaria escravidão branca na construção de Brasília: nortistas que eram obrigados a trabalhar três meses pela comida para pagar a passagem, e eram caçados quando fugiam. «E quando um fugia, e a gente não o apanhava e levava logo de volta, os outros começavam a pensar, e isso era muito ruim.» O que o preocupa não é o direito nem o torto, é o serviço. É saber tratar com os homens, de bons modos ou não, para que eles façam o serviço a tempo. Tem desprezo pelo desonesto, mas no mesmo plano em que despreza o mau trabalhador. Os meninos que aparecem na estrada, ele os julga estritamente do ponto de vista do motorista de caminhão. Até mesmo o patrão, ele não o condena moralmente, mas pela sua desídia como patrão. O fim do livro me parece magistral.

«Jorge, um brasileiro» ganhou o Prêmio Nacional WALMAP de 1967, patrocinado por José Luís de Magalhães Lins; além de Antônio Olinto, organizador do concurso, integraram a comissão julgadora Jorge Amado e Guimarães Rosa, dois grandes nomes do romance brasileiro. Eles devem ter sentido nesses jovens ex-piloto de caça uma força nova e autêntica de nossa literatura.

DN 14.7.68